

# O fantasma do plenilúnio

Josimey Costa  
Jornalista

A lua era uma pupila imensamente pálida, escoando por entre as frestas da janela verde, tornada cinza pelos matizes pardos daquela noite. Daquela e de tantas noites iguais, quando há lua e silêncio. A sala terminava numa escada única, que subia em direção ao teto, ligando três níveis de piso. Os andares se abriam para o vazio feito mezaninos. De manso, subi o degrau largo, como se a escada fosse construída para gigantes. Cada degrau parecia três, e eu já ofegava, quebrando a palidez silenciosa da lua, a calma incomum da noite.

Os patamares da escada tentavam me revelar segredos em cada curva, mas a decepção aliviante do nada sempre me surpreendia. O último degrau. A porta, meio escondida pela sombra quase chapada de uma viga. O silêncio morno, já úmido, por trás da porta. O trinco era puro ferro fundido, trabalhado. Quase macio ao toque, frio à carícia e rico em texturas, estava matizado pela luz da lua. O trinco retorceu-se, flexível, por entre meus dedos e eu esperei um gemido. De novo, o silêncio. A rendição se deu sem protesto algum.

Antes de prosseguir, busquei o ar que se escondia, mesquinho, das minhas narinas ansiosas. Inútil e inevitável peleja. Logo depois de encher os pulmões, eu os percebi novamente vazios. Adiante, então. O encaixe da porta foi se descobrindo. Meio que adivinhei os frisos antiquados do umbral cinza, aos poucos, nu. Um cheiro ardido atravessou o magro espaço entre a porta e o umbral, logo substituído por um calor palpável, denso, mais úmido. A porta escancarada. O quarto sob a luz da lua.

Pela janela também verde-cinza como a outra, aparecia uma noite sem nuvens que pudessem abrandar a monotonia do céu desprovido de estrelas. A lua, teimosamente lá, só ampliava o nada que a cercava. Vasculhei a penumbra. Cada móvel do quarto, uma indiferença distinta. A cadeira estava virada para a parede, com roupas sentadas de qualquer jeito, por uma razão qualquer. A cama, tão absurdamente grande, recrudescia o acanhamento do cômodo, que só por causa de um propósito obscuro podia ter resistido inalterado assim ao tempo.

Ela estava ali. Flutuando meio metro acima da cama, parecia dormir um sono sem sonhos. A camisola branca e comprida flamulava etereamente, como se marcasse a lentidão suspensiva das horas. O tecido ondulante lambia a colcha da cama, semi-coberta pelos cabelos que se espalhavam quase até o chão. Só os móveis daquele quarto podiam ignorar a cena, e eu não era nenhum móvel. Era imóvel naquele momento, naquela noite.

Meus olhos, minha única porção articulada, descobriram o espelho, que refletia um guarda-roupa opaco e isolado do restante da população do cômodo. Pude ver-lhe a porta escancarada, mas a luz leitosa da lua não chegava além da fímbria da folha de madeira aberta. Tive a sensação de nunca ter gostado daquele quarto que eu não conhecia. Mas foi medo, um medo primal o que eu senti ao perceber que ela girava lentamente o pescoço, virando o rosto para mim. Um vento surgido não sei de onde tilintou um quadro invisível na parede. Toda a saliva que eu pudesse ter na boca secou. Um suor frio formigou na minha pele. Ela abriu os olhos. Não havia pupilas.

Nesse momento e sem que eu tivesse percebido as gradações da mudança, a lua atingiu em cheio o interior do guarda-roupa com a sua luz chapada. Vi, perifericamente, o reflexo pelo espelho de algo grande dentro dele, enquanto o corpo

dela se desfazia, veloz, numa névoa branca que começava pelos pés e se misturava à luz da lua. De súbito, não havia mais nada sobre a cama. Consegui, enfim, olhar diretamente para o espelho. Tudo o que encontrei foram meus próprios olhos arregalados no fundo do guarda-roupa.